

Apresentação

É com muito gosto que a *Revista do Centro de Estudos Portugueses* apresenta sua contribuição para as comemorações do bicentenário do nascimento de Camilo Castelo Branco (1825-1890). O interesse pela obra extraordinária não depende apenas da contínua renovação de seus leitores, mas também do reconhecimento permanente da sua atualidade crítica. Não é uma atualidade óbvia, a despeito do prazer com que se leem ainda seus livros. Já o tempo que nos separa da época de Camilo acrescenta não poucas dificuldades a quem assume o desafio do trabalho crítico. Transpor a distância significa, além do esforço de recompor o que passou, observar igualmente o processo que deu origem à expressiva tradição dos comentários, biógrafos e intérpretes vários, combinando a admiração pelo trabalho precedente com o estranhamento que exige o ofício. Não será portanto um simples recuo à figura do escritor, como quem aceita passivamente a efígie consagrada; tampouco será a recuperação exata do contexto em que se deram as suas publicações, como quem admite a determinação completa das circunstâncias; ou ainda a análise isolada dos textos que levam seu nome capaz de fornecer um acesso direto à referida atualidade de Camilo. Por ocasião da efeméride, nunca é demais lembrar que à riqueza da obra camiliana, definida, nas palavras de Óscar Lopes, como “irrequieta heterodoxia”, deverá sempre corresponder, no campo da crítica, uma semelhante inquietação.

Nesta formulação sintética, parecem indicados os caminhos para a atualização crítica do camilianismo. Fazer justiça, no presente, a uma das obras que instauraram a modernidade literária em língua portuguesa é também procurar responder a essas inquietações heterodoxas. É não deixar que a fecundidade impressionante da obra – nos diferentes gêneros praticados, da ficção narrativa à historiografia, da poesia ao jornalismo, do drama à crítica literária, da tradução à epistolografia – ceda à inoperante estabilização dos lugares-comuns, que, infelizmente, também se reciclam. Assim, o que revela a definição de Óscar Lopes, escolhida para intitular o conjunto dos artigos reunidos neste dossiê, é uma dupla disposição: não só a atitude refratária no escritor à estabilidade, mas igualmente um protocolo para a apreciação ideal

da obra camiliana, uma abertura à inconstância, por assim dizer, em condições de repor e até amplificar o alcance no tempo dos seus mais variados interesses. Os artigos agrupados neste número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, concebido sob o signo da inquietude e dedicado à comemoração do bicentenário do nascimento do excepcional novelista, compõem uma tentativa nessa direção.

Nos dois primeiros artigos do dossiê, apresentam-se pesquisas originais sobre a recepção de Camilo na primeira metade do século XX, no Brasil e em Portugal. O texto que abre o dossiê, “Camilo e o modernismo brasileiro”, de Daniel Bonomo, traz um levantamento inédito, realizado em diversas fontes, para propor uma reflexão própria sobre a presença de Camilo no Brasil à época da afirmação da estética modernista. O assunto é explorado em três abordagens, com três Camilos distintos: o Camilo dos teatros, com encenações constantes de seus textos, *Amor de perdição* sobretudo, nos palcos do Rio de Janeiro, entre o início do século e a década de 1930; o Camilo convertido em leitura e estudo predileto dos filólogos; e o Camilo dos modernistas propriamente. Por esses três ângulos, que se complementam em certa medida, vê-se a complexidade das relações substituir a habitual oposição entre o nome de Camilo e os valores que assumem protagonismo na época modernista. Além disso, o artigo ainda recupera informações importantes e esquecidas, por exemplo, sobre a primeira versão cinematográfica de *Amor de perdição*, realizada no Brasil, exibida pela primeira vez em junho de 1917, e apresenta curiosidades como as imagens dos exemplares de livros de Camilo que pertenceram a escritores como Mário de Andrade e Guimarães Rosa, com sublinhados e anotações à margem do texto.

“A memória de Camilo Castelo Branco no primeiro centenário do seu nascimento: as polêmicas d’*Os azeiteiros*, dos monumentos e dos *Livreiros* à volta de Camilo (1917-1925)”, de Frederico Benvinda e Soraia Carvalho, recupera também em fontes documentais aspectos da recepção da obra camiliana, desta vez, porém, em Portugal, no contexto das comemorações e controvérsias em torno do primeiro centenário de nascimento do escritor, 1925. Sobressai da investigação um conjunto de episódios significantes, das dificuldades envolvidas no erguimento de uma estátua em homenagem ao escritor em Lisboa às polêmicas implicadas nas diversas disputas, que, de modo geral, eram promovidas por grupos e indivíduos que reclamavam prioridade nas celebrações, ou

até mesmo a dignidade nas formas de relação com o legado do autor, no comércio de livros ou objetos que se associavam a Camilo. O artigo oferece, dessa forma, uma preciosa indicação de quais eram os ativos no mercado camiliano de cem anos atrás, e acena consequentemente para o sentido que essas disputas viriam a ter no contexto português, entre os fins da Grande Guerra e da Primeira República.

O próximo artigo, “Realismo e tagarelice no romance histórico: Entre Walter Scott e Camilo Castelo Branco”, de Thiago Rhys Bezerra Cass, propõe uma importante reflexão sobre o tipo realista do romance histórico, insistindo no que esta modalidade tem de artifício autoevidente, à diferença do que supõe determinada linhagem crítica, que se afeiçoa a uma retórica da ilusão factual para conceber o traço característico do gênero. Com exemplos tirados aos narradores intromissivos, ditos “tagarelas”, de Walter Scott (*Waverley*), James Fenimore Cooper (*The Last of the Mohicans*), José de Alencar (*O guarani*) e, claro, Camilo (*O judeu*), o artigo reúne argumentos para recusar o imediatismo conceitual que enxerga comumente no romance histórico o uso de um artifício realista contrário à manifestação ostensiva da ficcionalidade que o constitui. Dessa perspectiva, a pessoalidade caprichosa do narrador camiliano, presente também em seus romances históricos, não configuraria nenhum desvio na tradição do gênero, nem seria fator prejudicial à inscrição do elemento historiográfico propriamente no interior da ficção. Ao contrário disso, como mostra Bezerra Cass, é virando pelo avesso o que chama de “retórica da factualidade” que Camilo abre o texto à intervenção dos arquivos, documentos e fontes abalizadas, peneirando, muito à vontade, “a poeira dos séculos”.

Em seguida, no texto “From Resistance to Reverence: My Translation Journey with *A Queda dum Anjo*”, Clive Maguire apresenta um franco e saboroso relato acerca da experiência de traduzir Camilo – a divertida novela *A queda dum anjo*, de 1865 – para a língua inglesa. O relato permite acompanhar o percurso do tradutor, a aventura pessoal, feita de prazeres e percalços, a começar pelas dificuldades de uma primeira leitura, passando pelo progressivo envolvimento com a história do personagem Calisto Elói, até a afeição resultante do convívio com o texto camiliano. Não falta à experiência a memória do tempo dispendido com estudos para a compreensão das tantas referências históricas na obra, do tempo às vezes perdido com pistas falsas, do trabalho na composição de mais de uma centena de notas, dos enigmas

resolvidos e, como não poderia deixar de ser, dos que se mantiveram forçosamente alheios a toda solução. Nesse processo, são dignas de nota as observações de como procurou fazer escolhas para a reposição do estilo e do humor do escritor, atrás de “um balanço entre acuidade e fruição”. Menção especial deve ser feita também às comparações que o tradutor sugere entre Camilo e Charles Dickens, ao que tudo indica, proveitosas para um desenvolvimento futuro.

Dois artigos no dossiê contemplam, na sequência, a discussão das personagens femininas em Camilo: “A crítica ao sistema judiciário e carcerário a partir de algumas personagens femininas de *Memórias do cárcere*, de Camilo Castelo Branco”, de Luciene Marie Pavanelo e Camili Alves Quatroqui; e “Entre retratos de mulheres: acomodação e resistência no romance camiliano”, de Clarisse Pessoa. No primeiro, as autoras leem nas *Memórias do cárcere*, de 1862, casos de presas mulheres vítimas dos maus tratos que a soma de uma cultura misógina, um sistema judiciário corrupto e a organização desumana nas casas de correção pode produzir. Em diálogo com estudos precedentes, é destacado o papel de Camilo na obra, que faz “muito mais do que uma recolha de experiências das pessoas com quem [...] convivera na Cadeia da Relação do Porto”, porque efetua uma verdadeira denúncia da justiça portuguesa de então, a qual define, em passagem inspirada, como “devassa caprichosa que afivela às orelhas todas as máscaras, e tira dos olhos a venda, para oferecê-la, como corda de estrangulação, aos pobres que não podem comprá-la”. O raciocínio permite que as autoras façam uma relação com as injustiças e prisões do Brasil atual. Clarisse Pessoa, por sua vez, na leitura de dois títulos camilianos, *O que fazem mulheres* (1858) e *O retrato de Ricardina* (1868), dedica-se ao entendimento da complexidade na figuração das personagens mulheres que, numa sociedade patriarcal como a portuguesa oitocentista, conquistam seu lugar em meio às estruturas de poder oscilando, dialeticamente, entre comportamentos que se definem ora como resistência, ora como acomodação. Ressaltam das análises a ironia e o olhar crítico do escritor, em particular no que respeita aos arranjos matrimoniais e adúlteros, e também o olhar para as diferenças de geração e as cumplicidades que surgem, neste contexto, entre mães e filhas.

A seguir, em “Uma anti-hagiografia das ‘virtudes antigas’: *A freira que fazia chagas* (1868), de Camilo Castelo Branco”, de Eduardo Soczek Mendes, é apresentada uma leitura da forma própria como o

escritor português, com recursos comuns à ficção e à historiografia, recontou o célebre caso da priora do mosteiro dominicano da Anunciada, Soror Maria da Visitação, da crença na suposta santidade da mulher à revelação da farsa com “água e sabão”. Considerando a situação em que foi redigido o texto, marcada, por um lado, pelo anticlericalismo e pela ascensão das ideias liberais, e, por outro, pelo saudosismo da junção “trono e altar”, o autor recomenda que se compreenda a narrativa como uma espécie de “anti-hagiografia”, feita para acabar com “as fantasias reacionárias de que haveria um passado ideal”. Nesse sentido, conclui com a ideia de que Camilo fez pensar Portugal, no seu tempo, assim como faz pensar hoje, diante do retorno de uma sociedade que exalta os falsários.

Já Tiago Sousa, em “Das ‘virtuosas parvoçadas’ à problematidade: *A queda dum anjo* e a tradição filosófica de crítica ao teatro”, reflete sobre uma longa tradição que encara a arte como uma falsidade que acarreta danos sociais. A partir do romance *A queda dum anjo* e, em particular, do discurso de condenação do teatro proferido por Calisto Elói em pleno parlamento no capítulo VI, o autor demonstra como o protagonista participa de uma forte linhagem de filósofos críticos acerca do valor da arte, em especial a dramática, e como, afinal, o romancista supera o próprio discurso filosófico ao problematizar intensificadamente uma série de questões atinentes ao debate sobre a arte e a moral, questão premente dos estudos camilianos.

O estudo da melancolia, com referência a vários títulos camilianos, em especial ao romance *Coração, cabeça e estômago* (1862), fundamenta o próximo artigo, de Cláudio Carvalho, “Da melancolia em Camilo”. O artigo explora a relação de Camilo com o tema em três planos ou dimensões: a médica, a filosófica e a literária. Mostra como Camilo tinha amplo conhecimento do assunto, pela própria condição de melancólico, mas não só. Quer dizer, para além das vivências pessoais, é também o domínio de um repertório tradicional e a recorrência a terminologia específica que se verificam no tratamento dado à matéria, nos diferentes textos que assina. Ademais disso, esse conhecimento é aprofundado, sugere Carvalho, na visão da época e nas vantagens da atividade criadora, desde um ponto de vista próprio, portanto, como escritor que ocupa “posição simultaneamente próxima e distanciada relativamente ao teatro do mundo”. Não por acaso, o riso e a tendência para a sátira desempenham, aqui, papel importante.

Associam-se à abordagem da melancolia para oferecer, nas palavras do autor, “uma lente crítica para observar e denunciar as contradições e assimetrias da sociedade burguesa do seu tempo”. Pela centralidade do tema na obra de Camilo e pela qualidade da reflexão no artigo, é uma contribuição relevante.

Fechando o dossiê, e ao mesmo tempo descerrando a perspectiva mais ampla na interpretação do significado estético e histórico da obra camiliana, Paulo Motta Oliveira, em “Camilo Castelo Branco: ser romancista em um pequeno reino à esquina do planeta”, lê a narrativa de *Onde está a felicidade?* (1856), continuada pela história do personagem Guilherme do Amaral em *Um homem de brios* (1856), como momento decisivo para o romance contemporâneo em Portugal. Apontando para a consolidação progressiva de algumas das marcas distintivas da ficção camiliana em títulos inaugurais como *Anátema* (1851), *Mistérios de Lisboa* (1854) e *A filha do arcediogo* (1854), Paulo Motta de Oliveira mostra como o escritor português articula os modelos (sobretudo) franceses em voga – Alexandre Dumas, Eugène Sue, Honoré de Balzac – com os apelos da realidade especificamente portuguesa. No processo de aclimação, como propõe, entram em cena, enredados por um entrecho amoroso, elementos centrais da história portuguesa recente, como a invasão francesa no Porto, e aparecem igualmente bem delimitadas as condições sociais determinantes do estado em que se encontrava o país, na virada para a segunda metade do século XIX, entre a nobreza que decaía e a incipiente organização do mundo burguês.

Este número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses* completa-se com duas resenhas: a primeira, assinada por José Emanuel Vieira, é um comentário sobre *Diário incontinuo*, de Mário Cláudio, publicado em junho de 2024; a segunda, de Rodrigo Felipe Veloso, discute o último romance de Teolinda Gersão, *Autobiografia não escrita de Martha Freud*, também de 2024.

Finalmente, cabe recordar, nesta data comemorativa, que a própria fundação, em 1978, do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que edita esta *Revista*, esteve ligada ao recebimento de uma valiosa coleção de livros da autoria de Camilo Castelo Branco, reunida pelo poeta Aristêo Seixas, e atualmente localizada na Biblioteca Central da Universidade, na Divisão de Obras Raras e Especiais. É sem sombra de dúvida uma das mais importantes Camilianas preservadas no Brasil. Espera-se que

a atualidade dos interesses pela obra de Camilo seja crescente e suscite também, sempre mais, o interesse por esse inestimável acervo.

Daniel Bonomo (FALE-UFMG)
Tânia Furtado Moreira (CITCEM-FLUP)

DOSSIÊ:
CAMILO E A IRREQUIETA
HETERODOXIA